

Brasília-DF



CARLOS ALEXANDRE DE SOUZA
carlosalexandre.df@dabr.com.br

Recuperado

O ex-juiz e ex-ministro Sérgio Moro (Podemos) confirmou, via redes sociais, que testou negativo para a doença. Apesar do resultado, o pré-candidato à Presidência seguirá o isolamento e só retomará eventos presenciais na próxima semana. “Testei negativo para covid, então, o vírus foi superado sem maiores problemas graças às vacinas”, publicou. Mesmo após anunciar que havia testado positivo para covid, dia 15, o ministro concedeu entrevistas de forma remota durante toda a semana. Teve tempo, ainda, de rebater o ex-presidente Lula, que o chamou de “canalha”. “Você será derrotado”, avisou Moro.

Senado vermelho

A deputada estadual Janaína Paschoal (PSL-SP) ironizou o presidente Jair Bolsonaro (PL), após o chefe do Executivo declarar que a ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, pode concorrer ao Senado por São Paulo. “Com a habilidade que Bolsonaro tem para re(unir) a direita, em 2023, teremos um Senado vermelho, para dar sustentação a Lula”, escreveu a parlamentar.

Vou pensar

Janaína já demonstrou interesse em concorrer ao Senado na chapa que será eventualmente encabeçada pelo ministro Tarcísio de Freitas, da Infraestrutura, para o governo paulista. O presidente voltou ao assunto ontem. “Não está batido o martelo, não. O convite foi feito, o Tarcísio gostou desta possibilidade, conversei com a Damares, e ela ainda não se decidiu”, disse.

Outra frente

O presidente Jair Bolsonaro sinalizou que o governo estuda uma Proposta de Emenda Constitucional para reduzir o peso dos impostos federais sobre o preço de combustíveis. Após os seguidos confrontos com governadores, o Planalto tenta viabilizar um diálogo com o Congresso a fim de mostrar ao eleitorado que está comprometido em ajudar o brasileiro em tempos de gasolina a R\$ 7.

Governo sanciona Orçamento longe do rigor fiscal

O Orçamento do ano eleitoral, com a sanção prevista para hoje, mostra a tibieza da política econômica comandada por Paulo Guedes. A peça aprovada no Congresso está longe de seguir os princípios fiscais e segue estritamente as prioridades estabelecidas pelo Centrão — leia-se um abastado Fundo

Eleitoral de R\$ 5,7 bilhões e a garantia de R\$ 16,5 bilhões para as emendas de relator. A aprovação da PEC dos Precatórios serviu para financiar o Auxílio Brasil, mas também contribuiu para garantir recursos às campanhas eleitorais e até reajuste de servidores da segurança pública. Com a economia marcada pela estagnação e pela inflação resistente, o governo Bolsonaro entra no ano eleitoral com pouco a oferecer no debate econômico. Restam alternativas como destacar ações como o Auxílio Brasil, voltado para a atender a população vulnerável, ou o lançamento da internet 5G. Mas é o gargalo fiscal que representará um ponto frágil para a candidatura de Jair Bolsonaro no debate econômico.



Campo minado

A desavença entre o Tribunal Superior Eleitoral e o Telegram, rede social muito apreciada por extremistas, é mais uma frente no combate à desinformação no mundo virtual. Depois de canalizar muita energia e recursos para assegurar a confiabilidade da urna eletrônica, a Justiça Eleitoral tenta construir parcerias com as big techs na campanha eleitoral. O desafio não é trivial, considerando que as redes sociais tendem a ser palco estratégico — senão o principal — para os eleitores decidirem o voto.

Não está fácil

A aproximação entre o PSB e o PT, com apoios definidos em quatro estados, pode ser considerada uma boa nova em meio às intempéries da esquerda para apresentar uma alternativa à candidatura de Lula da Silva. Legendas de viés progressista — PT, PSB, PCdoB e PV — devem apresentar recurso ao Tribunal Superior Eleitoral para adiar a data final de registro das federações partidárias, marcada para 2 de abril.

Prazo apertado

Uma das razões é o prazo da janela partidária, que se encerra em 1º de abril. Partidos avaliam que as mudanças de última hora podem dificultar a formação de alianças.

Cidadão digital

Criado há 10 anos pelo Senado Federal, o e-Cidadania recebeu 97,1 mil sugestões para projetos de lei. O acesso à página interativa aumentou notadamente a partir de 2021, como efeito da pandemia. “Só em 2021 o e-Cidadania teve quase 130 milhões de visualizações, vindas de quase 22 milhões de internautas. Um aumento de 69,2% na visualização e 55,5% na quantidade de usuários. Os fatores desta explosão estão ligados a decisões do Senado relacionadas à pandemia, à própria CPI da Pandemia e a aproximação do ano eleitoral” explicou o coordenador interino do Portal, Marcos Behr, à Agência Senado.



A polarização de eleição já afeta um pouco a volatilidade do câmbio. Estamos preparados para agir com qualquer volume de intervenção que seja necessário, mas não achamos que volumes preestabelecidos de intervenção no câmbio são uma boa solução”

Roberto Campos Neto, presidente do BC, em evento promovido pelo banco Santander

PLANALTO

Eleição é assunto de família

Bolsonaro inclui dois filhos no comitê de campanha, mas aliados consideram arriscado confiar na estratégia de 2018

» CRISTIANE NOBERTO

O comitê de campanha à reeleição do presidente Jair Bolsonaro (PL) trabalha em ritmo acelerado. O chefe do Executivo acredita que os dedos dos filhos o ajudarão a emplacar mais um mandato. A coordenação geral ficou a cargo do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), e a comunicação na internet com o vereador Carlos Bolsonaro (Republicanos-RJ). A escolha do filho 02 já foi comunicada ao presidente do Partido Liberal, Valdemar Costa Neto, que também integra no comitê.

Aliados dizem, no entanto, que Bolsonaro precisa estar atento. A eleição não ocorrerá como em 2018, quando a participação de Carlos Bolsonaro nas redes sociais foi decisiva — por isso, a escolha do nome dele. O momento é outro, a começar pela maior vigilância a ataques virtuais e desinformação. Além disso, o 02 tem a trajetória marcada por seus posicionamentos mais radicais e não esconde seus argumentos de ninguém — pelo contrário, dissemina fake news sem pudor nas redes sociais e em grupos fechados. É ainda citado como integrante-chave do “gabinete do ódio”, milícia digital destinada a atacar opositoristas e espalhar desinformação na internet.

Parlamentares ouvidos pelo **Correio**, em caráter reservado, avaliam que, ainda que a escolha do comitê seja muito pessoal, o presidente deveria procurar profissionais para realizar sua campanha. “A situação é outra. Se ele está apostando no que deu certo na campanha, agora o contexto é totalmente diferente. Ainda que ele tenha confiança nos filhos para a estratégia de campanha, vamos ter uma eleição mais polarizada, com debates e com um cenário

diferente. Um pouco mais de profissionalismo seria melhor para ele”, disse um aliado bolsonarista. O parlamentar acredita que a eleição de 2018 foi um momento “totalmente atípico e fora do contexto”. O congressista lembra que o presidente não participou de debates, levou uma facada e, ainda, deixou o partido que o elegeu. “Hoje, o cenário é diferente, viemos de um desgaste de uma gestão de quatro anos e uma série de fatores que serão questionados. É arriscado confiar muito num ciclo muito próximo a ele”, afirmou.

“Não vende mais”

Na avaliação de André César, sócio da Hold Assessoria, em 2018, Bolsonaro tinha pouco tempo de TV para se mostrar ao público. Com isso, utilizou a internet e as redes sociais com brilhantismo para disseminar seu nome. “Hoje, isso não vai se repetir. Por isso o uso tão forte do Centrão é fundamental. Tudo bem que um dos filhos é senador, mas como coordenação geral e o outro no marketing? É pouco profissional”, destacou.

O especialista vê com reserva a formação do comitê eleitoral bolsonarista. “Eu acho que essas figuras não têm condições reais de tocar uma campanha de qualidade. Bolsonaro vai apanhar muito, ele deixou de ser novidade, faz parte do sistema. O que vendeu em 2018 não vende mais. Nesse sentido, vai falar só com o público dele e manter os bolsonaristas aí. Mas é pouco para pretensões eleitorais”, frisou.

Além de Flávio Bolsonaro e os presidente do PL e do Republicanos, integra o comitê eleitoral de Bolsonaro o ministro da Casa Civil, Ciro Nogueira (PP).

Reprodução



Carlos Bolsonaro continuará na comunicação do presidente na web: com as redes sociais vigiadas, aliados preveem dificuldades

Busca de parcerias na América do Sul

» INGRID SOARES

Em sua primeira viagem ao exterior neste ano, o presidente Jair Bolsonaro (PL) desembarcou ontem em Paramaribo, no Suriname. Em declaração conjunta com o presidente do país, Chandrikapersad Santokhi, o chefe do Executivo brasileiro anunciou uma parceria na exploração de petróleo.

“Temos a oferecer ao país nossa expertise na prospecção de petróleo e, por isso, trouxemos o ministro das Minas e Energia (Bento Albuquerque). Eu cumprimento e agradeço o

que conversamos há pouco, na possível prioridade para que o país, através da Petrobras, venha a colaborar na prospecção de petróleo e gás”, apontou Bolsonaro.

O presidente Santokhi ressaltou que o Suriname e o Brasil são países não apenas vinculados geograficamente, mas que “compartilham de fortes laços históricos e culturais” e agradeceu o Brasil pelo envio de vacinas contra a covid-19.

O reforço das relações tem como objetivo, segundo o Itamaraty, “ressaltar a importância da colaboração no campo da

interconexão elétrica entre Brasil, Guiana, Guiana Francesa e Suriname”. Existem ainda planos para intensificar a cooperação em segurança, com foco na colaboração na área de segurança pública e no combate ao crime organizado transnacional.

Hoje, o chefe do Executivo viajará para Georgetown, na Guiana, onde se encontrará com o presidente Irfaan Ali. Na semana que vem, nos dias 26 e 27, o chefe do Executivo brasileiro terá mais um encontro na América do Sul, desta vez em Cartagena, na Colômbia, onde ocorrerá a Cúpula do Prosul e é

esperado um discurso do presidente.

Bolsonaro já afirmou que não comparecerá à posse do presidente eleito do Chile, Gabriel Boric, da coalizão esquerdista Aprove Dignidade. O governo brasileiro só parabenizou o presidente eleito quatro dias após sua vitória.

Em fevereiro, o presidente brasileiro deve ir à Rússia para um encontro com o presidente Vladimir Putin, que está sob pressão dos Estados Unidos e da União Europeia. O ditador russo está a um passo de autorizar a invasão à Ucrânia.